

A Imprensa, publicação semanal. Assignatura por anno 10\$000 reis, por semestre 5\$000 reis. Publicações de interesse particular — conforme o ajuste, devendo vir em os autographos responsaveis, sem o que não serão publicados: do mesmo modo as correspondencias isentas de pagamento.

ANNO XXII

THESESINA, — SABBADO, 31 DE DEZEMBRO DE 1886.

NUMERO 347

EXPEDIENTE.

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes, que se acham em atrazo com esta empresa, e obsequio de satisfazer a importancia das suas assignaturas.

É indispensavel o valioso concurso de todos os compartidarios para que este jornal possa atravessar a adversidade e desempenhar a sua alta função do organo opposicionista.

Contamos, portanto, que o nosso appello aos amigos será tomado na devida consideração.

A IMPRENSA

THESESINA, 10 DE DEZEMBRO DE 1886.

Resenha politica

Ainda está bem viva no espirito de todos a impressão causada pelo terrivel cataclysmo que succedeo nesta provincia á ascenção dos conservadores ao solio do poder.

Valentes campeões das nossas fileiras, collocados á frente desta jornal, reagiram heroicamente contra a onda do despotismo conservador, inaugurando a 20 de agosto pelo sr. Barão de Cotegipe e entre nós a 14 de outubro do anno passado pelo sr. dr. Raimundo de Areia Leão.

Sem fallar nos outros collaboradores da opposição, basta citar o nome do illustre dr. Clodoaldo Freitas para dar ideia do calor, energia e vehemencia da linguagem empregada na imprensa, que satisfazendo uma urgente necessidade occasional, tornou-se um baluarte ante os desmanchos da nova situação e uma valvula sã por onde respiravam os condemnados ao ostracismo.

Foi uma lotta que muito honra a coragem e talento dos drs. Clodoaldo Freitas e Urbano do Araújo, estrepentes defensores das ideias do seu partido, personificações brilhantes do pensamento liberal, que symbolisaram naquella epoca todas as energias, todas as virtudes cívicas do liberalismo pi-ahyense.

Honra lhes seja, pois.

O partido liberal cahiu, não porque o quizesse a vontade nacional; mas porque assim o entendeu a vontade suprema do chefe do Estado.

Cahiu, é verdade; mas cahiu amparado por homens de estatura colossal, cheios de vida e de esperanças, fortes da força da capacidade propria e da convicção do futuro triumpho das suas ideias.

Tendo montado a nova situação demittindo em cinco horas a cento e tantos empregados publicos, entre os quaes alguns vitalícios, o sr. dr. Raimundo de Areia Leão passou as reas da administração ao sr. dr. Manoel José de Menezes Prado, de triste e pobre memoria.

Homem honesto e caridoso, não teve, porem, a energia e superioridade do espirito precisas para resistir ás exigencias da politica facanha em que se viu envolvido. Cedou infelizmente.

Nenhum acto praticou que denotasse clara intuição do futuro da provincia e experiencia bastante dos negocios publicos.

Foi um verdadeiro papellão: por que nunca teve autonomia, nem soube honrar a elevada posição que occupou como primeira autoridade desta circumscriptão administrativa do piz.

Passaram-se onze mezes. A 7 de setembro ultimo assumiu a direcção

da provincia o exm. sr. dr. Jansem Mattos.

Em um artigo de recepção a s. ex., concluiu nos seguintes termos: «Para que o sr. dr. Jansem Mattos mereça os nossos applausos, basta que, quando abandonar o elevado cargo que actualmente occupa, não possamos dizer delle o que flama-lho Ortigão disse de Anselmo Braancamp: «Elle tinha a bondade e tinha a rectidão. Com essas duas simples qualidades, elle foi benemerito, menos por aquillo que fez, governando como estava na ordem politica, do que por aquillo a que obsteo, resistindo como bom homem ao contagio do meio na ordem moral».

E s. ex. até hoje tem correspondido perfeitamente á nossa expectativa.

Dotado de uma intelligencia esclarecida e illustrada por muitos e variados conhecimentos, de uma energia de character a toda a prova, acostumado ás lides da vida publica, conhecedor das pequenas e baixas ambições da politica em aldeia, o sr. dr. Jansem tem sabido collocar-se acima das influencias deletérias do mundo politico em que vive actualmente, inspiando confiança, por toda a provincia, na sua actividade infatigavel e no seu espirito de rectidão e justiça.

Dizendo o bem alto e sem rebuço, não fazemos mais do que seguir a norma de conduta que nos temos traçado no jornalismo — sinceridade e justiça no modo de apreciar os actos dos poderes constituídos.

A nossa opposição não é systematica, repetimol-o.

É um vezo muito vulgar nesta terra attribuir-se a acção ainda a mais nobre e desinteressada a um motivo inconfessavel e mesquinho. Por isso, convém declarar que do actual presidente nenhum favor tem recebido os liberais; s. ex. não tem feito politica liberal. Si rendemos-lhe homenagem é somente pela manei- ra louvavel por que tem obsteido a muitas perseguições aos nossos amigos e por que tem resistido a muitas exigencias illegaes.

Isto só basta para dar-lhe um lugar saliente entre os presidentes da situação, que atravessamos.

Si o ministro do imperio quizer ser justo e patriota, deverá manter o exm. sr. dr. Jansem como um administrador modelado.

Emquanto s. ex. proceder como até hoje merecerá as nossas adhesões, em que pezo aos descontentes da sua grey.

Nem se julgue que declamamos: os factos honrosos para a administração actual estão no dominio de todos; não precisamos enalcerlos.

A «Epoca» de 9 do corrente traz um editorial, em que parece attribuir aos liberais os boatos, que correm na cidade e fora d'elle, a respeito das desintelligencias do exm. sr. dr. Jansem com alguns de seus amigos.

A «Imprensa» ainda não se serviu dos taes boatos como arma de opposição.

Ha muito se diz nesta cidade: «tal recusa por parte do presidente irritou bastante os animos; houve bontem uma reunião do centro para resolver sobre o rompimento» etc., etc. São os liberais culpados disto?

É da indole do nosso publico julgar com grande facilidade certos actos da vida politica local e não somente da vida politica. E o publico acerta muitas vezes; tem uma especie de providencia, uma certa intuição das cousas mais secretas.

Portanto, é bem provavel que haja realmente alguma cousa lá no seio da confraria da «Epoca». Mas não ousamos tomar a responsabilidade desses boatos; ficam por conta dos conservadores e delles não trataríamos si o organo official não viesse logo dar um cavaco tão solemne.

Em conclusão, a «Epoca» negou com tanta ingenuidade e pureza d'alma a existencia de desgostos entre os seus e o sr. presidente que estamos plenamente convencidos de que tudo quanto se disse foi uma invenção maliciosa sem fundamento plausivel.

Si non é vero o que diz a gazeta governista... é bene trovato.

A «Epoca» queima-se...

Pois não estão os redactores da «Epoca» pisando nos velhos e dolorosos callus?! O jornal de quinta-feira ultima appareceu mais digno de piedade que de uma contestação formal. Era um louco de amor, em apixionado, que no ange do desespero cothereu que havia desejado um impossivel e por maior esforço que fizesse para occurrir no fundo do peito a causa motora da seu infortunio, oit-o deixando escapar phrases dubias, palavras maliciosas, bocejos incompreensiveis...

O amor e o odio são dois grandes demonios...

Dizem ali os directores do partido do poder que «correm nesta capital e pelo interior varias versões sobre o estado das relações politicas do exm. sr. Jansem Mattos com os directores do seu partido e que estas versões são originadas do engano a' alma, ledo e cego em que se acham os liberais».

«Que se afirma que alguns membros do centro conservador (?) opinaram que a «Epoca» fizesse opposição ao sr. Jansem Mattos»;

«Que chegam quotidianamente aos redactores desse jornal interrogações dos chefes locais dos municipios sobre as disposições politicas de s. ex., que por lá se pinta como liberal e de animo resolutio á exterminar os conservadores»;

«Que a opposição insinua que o jornal conservador mostrou-se hostil á s. ex. nas locaes em que se occupou do exercicio do ex-capitulo do porto da Parahyba e da prisão de um guarda nacional do Picos»;

«Que a «Imprensa» afirma que s. ex. dirigio uma reprehensão a essa conservadora da Parahyba»;

«Que a «Imprensa» julga fascinar o espirito de s. ex., com boatos calculadamente espalhados, risos, requiebros e quando lhe toca os elogios estrondosos que provocam a estranheza etc.»;

«Que tudo isto provem da gentileza com que s. ex. acolhe em seu palacio a gregos e troyanos»;

«Que o dever politico os grãda prestar apoio a um presidente amigo e os lib. participantes da boa ou má scrito dos co-religionarios»;

«Que o sr. Jansem deve ter a nitida comprehensão de seu papel como delegado de um governo conservador»;

«Que não quererá travar sua reputação de homem politico, nem a lealdade que deve á situação dominante pelos applausos insidiosos de seus inimigos naturaes, &c.»;

«Que se por qualquer circumstancia estivessem illudidos com o sr. Jansem, seriam os primeiros a fazer isto conhecido, porque acima de tudo está a confiança que desejam merecer de seus amigos»;

«Que nós (os liberais) temos sonhos dourados;...»

«Que somos mestreiros e escrevemos em estylo thuriferario &c.»

Vamos analysar calma e prudentemente as necedades que sobrepõem dos trechos transcriptos.

É verdade que correm nesta capital, muitas versões sobre a projectada opposição da gente da «Epoca» á presidencia do sr. dr. Jansem Mattos, mas são elles, os conservadores, grandes e pequenos quem os tem feito espalhar nos dias em que vêm boquear perante o governo uma pretensão desarrasada, uma perseguição mesquinha aos nossos co-religionarios; nunca nós que jamais o fizemos, quer por meio deste jornal, quer pelo organo de nossos amigos e chefes.

Não fomos tambem nós que espalhámos o resultado da reunião que fez o centro conservador nem jamais demos motivos para que os chefes locais estejam a fazer interrogações sobre a conduta do presidente, que por lá se pinta como liberal e de animo resolutio á exterminar os conservadores. Isto não é nosso, e sim da propria letra da «Epoca». Provocamo-la a que apresente o nome de um chefe liberal ou de qualquer pessoa influente do nosso partido que haja escripto para o centro dando o sr. Jansem como liberal ou ao menos contendo obter favores politicos de s. ex. Se o não fizer, pagará como um jornal pouco serio, maldizente e creador de factos. Já o dissemos e continuamos a dizer, o sr. Jansem é um conservador moderado e justo; encontros o partido liberal entregue á saua voraz dos directores do celebre Manoel José de Menezes Prado e se não pondo desviar os golpes que haviamos recebido, tem-se collocado em attitudde de não acceder ás perseguições que nos tem pretendido fazer os a lversarios.

Eis a magna questão dos conservadores da Parahyba. Elles alimentam-se da destruição do campo adverso e não podem comprehender que haja um presidente conservador que deixo de ser um inimigo e pers-guidor dos liberais.

É por isso que ainda hoje o jornal conservador maliz o nome illustre de um brasileiro distincto — o sr. Vieira da Silva, senador conservador pelo Maranhão.

Quem espalhou na União que o sr. Jansem era liberal, foi um deputado conservador, dispensado talvez por não ter conseguido alguma patota q' é provavel ficasse malegrada, e isto mesmo deve saber o s. ex. A «Epoca» não tem a coragem das occasiões: si o sr. Jansem é um bom presidente, como diz em muitas palavras, não convém levantar boatos e versões das ruas e de que nós, que somos o jornal da opposição, ainda não nos tinhamos servido; se porém entende que elle, porque não persegue os liberais, não é um conservador, deixe o jogo da cabra cega, não lhe dê por tabella, á nossa custa e diga francamente o que pensa o partido de que se intitula organo na provincia. Se seus redactores tem medo de romper com a administração, resignem os lugares, mas não venham dar no sr. Jansem, servindo-se da opposição, como maliciosamente acabam de fazer, dizendo «que corre que s. ex. está de animo resolutio á exterminar os conservadores, quando jamais ouvimos isto, se não agora da boca da «Epoca» o inventado para surtir effeito.

Provocamos ainda o jornal conser-

ver a que cite o occisio e a lugar em que dissemos que os seus artigos sobre o capitulo do Porto e o guarda dos Picos, eram de opposição á presidencia. Esta sua affirmativa, authoriza-nos a pensar que o jornal official construe locaes e phrases de um attido mais ou menos encoberto, maliza-as depois, nas calçadas, pelo organo de seus amigos, e vem no numero seguinte dizer que estamos encherendo do opposição onde não ha, quando o nosso jornal de nada se occupou!

Opposição encubada, triste e vergonhosa é a que estão fazendo os luxurios da «Epoca».

É tambem falso que a «Imprensa» boia dito que s. ex. reprehendeu a meza conservadora da Parahyba. As palavras citadas pela «Epoca» são de um artigo daquella cidade, publicado em secção não editorial e q' narra um facto verdadeiro e constante de uma peça official. A «Imprensa» não julga fascinar o espirito de s. ex. com boatos calculadamente espalhados, risos, requiebros e elogios estrondosos que causam estranheza. Era peccado que s. ex. fosse um boocio para se deixar embair por esses elogios estrondosos risos, e requiebros, os quaes só podem seduzir as mulheres faceis, as coquettes. Ainda uma vez repetimos a «Epoca» não é um jornal serio!

Aponte a «Epoca» o elogio, já não dizemos estrondoso, porém ao menos pouco decente que tenhamos tecido ao actual administrador da provincia. Isso, sabemos, muito incommoda á gente rubra. Se o presidente mereco os nossos elogios faça a «Epoca» cores commoço; se os não merece, diga-o sem medo e sem insinuações não dignas de cavalheiros. Sim, nós concordamos com a «Epoca» de que tudo isto (isto é a zanga) provem da gentileza com que s. ex. acolhe em seu palacio gregos e troyanos.

É verdade, a «Epoca» sente-se mal quando vê um liberal em palacio; entende q' aquella casa é sua e somente sua, e d'ahi nasce a grande ogorisa que elles cotagram ao sr. Jansem Mattos, que aliás ainda não fez um só favor politico aos liberais, mas que tem dons grandes peccados — receber com gentileza os liberais em seu palacio e não persegui-los!

Eis o grande crime. E nós que somos opposição não rompermos com o sr. J. Mattos! Ah se a «Imprensa» rompesse com o presidente... Nesse dia os manequins já não teriam os sobrolhos carregados, porque teriam muitas as pirnetas a fazer e expansivas, estridentes as gargalhadas a dar. Que «Imprensa» maldita! Felizmente o sr. Jansem Mattos já deve ter comprehendido a espectara dos directores do seu partido nesta capital.

É preciso notar que o artigo a que respondemos, deve ter vindo pelo telegrapho, uma vez que estas questões magnas só se resolvem com o parecer da grande mestre I. secretario.

É etacio, o dever politico manda prestar apoio a um presidente amigo, mas quando este presidente não satisfaz as vistas do partido a que pertence, o jornal que lhe serve de organo deve quebrar os laços da solidariedade politica e fazer opposição, não de embocada, por tabella, porém leal, franca, á luz do dia.

É uma insinuação capciosa ao character do presidente dizer que s. ex. deve comprehender que exerce o papel de delegado de um governo conservador. Em que o sr. Jansem Mattos já mostrou que não comprehende

o papel de presidente conservador? Diga a «Epoca» francamente o que pensa a respeito e largue o mau habito das insinuações.

Onze s. est. já pretendeu *recar* sua reputação política e a lealdade que deve à situação dominante, pelos applausos insidiosos de seus inimigos naturos? Quaes os sonhos dourados dos liberais, os *mensurarios* e os que escrevem em estylo *thuriferario*?

Cite a «Epoca», si é capaz, o nome de um só de nossos amigos que assim procede, porque queremos contestar a com o testemunho do proprio presidente para quem havemos de appellar na qualidade de cavalheiro.

Termina dizendo mais ou menos que, quando conhecer que anda illudida com o sr. Jansem, far-lhe-á a opposição, porque *acima de tudo está a confiança que deseja merecer de seus amigos*. Isso é questão de casa com que nada temos que ver.

Não se cance a «Epoca». O partido que representamos é bastante nobre e intelligente na comprehensão de seus deveres. Quando for necessario fazer opposição ao sr. Jansem Mattos, nós a faremos com a mesma altivez com que estygmatizámos os actos dos srs. Areia Leão e Prado; por ora, não temos razão para isso, não somos opposição systematica e a «Epoca» perde o seu tempo, incitando-nos a um procedimento que só nós temos o direito de modelar.

TRANSCRIPÇÃO

Cousas politicas.

O homem, cujos restos mortaes foram ha dias carregados em triumpho pelas ruas de S. Paulo, saudado pelas lagrimas e pelas benções dos pobres, coberto de flores, cercado de homenagens, deixou um grande lugar vazio, porque não ha entre os contemporaneos quem represente na politica, o que elle representava.

Se procurarmos a explicação do renome de José Bonifacio em leis firmadas ou promovidas por elle, em melhoramentos que elle tivesse levado a cabo, em reformas filhas da sua iniciativa e de seu esforço, a colheita será parca, porque elle não era um homem de acção.

Entregue a si mesmo, ás suas proprias inspirações, fazenda o que lhe dictasse o coração bondoso e o levantado espirito poetico que o animava, José Bonifacio, governo, faria a revolução de cima, porque nada d'irtoque se chama a politica; é compativel com o seu modo de ver, que era antes um modo de sentir.

Para ser homem politico é preciso pôr do lado o bom para fazer o possível, descurar o absolutamente justo para fazer o conveiente, calcar o que é direito para realizar o que é opportuno.

Isto é a média do que deve ser o homem de Estado; as *nuanças*, filhas da natureza e da educação de cada um, revelam-se pela tendência que tem de pender mais para o bom, ou de remar para o mal; por exemplo, sem fazer confronto de todas as qualidades dos dous chefes conservadores, mas attendendo só ás suas posições perante o escravo, o visconde do Rio Branco e o Sr. Barão de Cotegipe. Na lei que aquelle se esforçou por fazer, arriscando o seu valimento de chefe, ha um espirito de bondade que lhe escurece todos os defectos; a lei que o ultimo teve de accipitar das mãos do Sr. Saraiva, para ser governo, lei que já era má, tem esta rasinhada o mais que pôde, e tem-no feito chacoteando, escarnecendo da philantropia dos que pedem mais algumas migalhas para os pobres.

José Bonifacio não entendia esta politica; na posição de Rio Branco, talvez não tivesse obtido tanto, por pedir muito mais: quanto á do Sr. de Cotegipe, era absolutamente incompatible com a sua natureza.

A sua ultima campanha, a favor do regulamento que

aludiu se podia fazer á escravidão, depois da lei Saraiva, foi talvez a unica concessão que em sua vida fez ás conveniencias da politica, aquella grande espirito, aquelle enorme coração.

José Bonifacio, empregando a magia de sua palavra, luctando com a certeza de que sacrificava a vida, para obter um anno e meio de liberdade para os escravos e para fechar uma porta ao trafico, affigura-se-nos um desilludido, que, vendo que lhe chega o ultimo momento, e que a sua vasta politica de bondade era uma utopia para a sociedade que o cercava, acanha propositalmente o seu campo visual, finge não ver a grande mancha que ha no nosso organismo, e quer ao menos dar-se a satisfação de minorar um pouco o mal.

Nem isso lhe foi permitido, porque isso mesmo as conveniencias politicas lhe negaram. Os seus successores que o admiram, têm agora o dever de honrar a sua memoria, fazendo d'aquellas emendas o primeiro reducto a conquistar, tornando-as o primeiro artigo do programma da propaganda, e, realisada a insignificante modificação, ir depôr no tumulo d'elle a corda de louros da victoria. Assim, o seu ultimo esforço, o que lhe custou a vida, não terá sido esteril.

Digamos, porém, desde já, que, apesar de não se ter traduzido em factos o vigor intellectual de José Bonifacio, a existencia de homens assim é de mais alta importancia para uma nação.

Na politica, José Bonifacio fazia o que fazem as band-eiras nos exercitos. Quando o desanimo invade o espirito do soldado reanima-o a vista do symbolo sagrado da patria. José Bonifacio, com a sua sinceridade de poeta, muito mais natural e muito menos pratica do que a honestidade legendaria do Sr. Saraiva, era um bom exemplo, porque nunca cuidou de si, das suas vantagens, não teve as ambições que eram mais legitimas, graças ao seu grande talento, que tantas outras que nunca se saciam, e, em vez de fazer a politica pequena dos partidos, fez sempre a grande politica das idéas.

Ainda não ha muito tempo, os seus partidarios o censuraram, porque, em S. Paulo, entre um liberal, que por seu procedimento, desmentia esse nome, e um republicano de idéas liberais, elle preferia recommendar aos electores o republicano.

E' que, para homens como José Bonifacio, a politica pode chegar a dispensar partidos, o que não pode, é dispensar principios; e o apoio de todos os homens bons deve de convergir para aquelles que se propõem a realizar uma idéa boa, liberal, humana.

Se tivesses de traçar o programma do seu partido, José Bonifacio poucos adeptos conseguiria reunir, o que se pôde affirmar á vista da infinita variedade do liberalismo que ha no chamado partido liberal; o a ter de constituir o partido escolhendo entre os elementos actuaes, a bem poucos José Bonifacio chamaria para juncto do si, se tivesse de julgar-os pelos seus actos anteriores.

E foi certamente o desvirtuamento do partido liberal, que motivou o arredamento proposital em que José Bonifacio se conservou da politica militante, e foi isso provavelmente que lhe dilatou o coração até rompê-lo.

Neto do homem que podia, se quizesse, ter fundado a republica no Brazil, José Bonifacio não era republicano, porque não tendo o espirito fadado para revoluções, e tendo vivido sobre o regimen monarchico, acreditava que com este, como com todos os regimens, se pôde fazer a felicidade de um povo, desde que a ella sinceramente se dediquem os que o governam.

Medindo a humanidade pela larga bitola de sua alma, José Bonifacio acreditava possível o vicajamento da arvore liberal, apesar de plantada no solo monarchico; e nem quando com-

bates a escravidão ella via a relação intima que, por intermedio do partido conservador, ella mantem com a monarchia.

A idéa de se levantar uma estatu a este homem ha de despertar um eco sympathico em todo o país.

Quando a historia perguntar que facto de sua vida está perpetuado no bronze, não se poderá dizer d'elle, como de Euzébio de Queiroz, que se fechou os portos de uma nação livre ao commercio vil de escravos, nem como de Rio Branco, que estancou no ventre materno a nodosa original da escravidão; mas dir-se-ha que viveu no nosso mundo politico, e não se deixou contaminar pela ambição; que teve um grande talento, e empregou-o sempre a defender a boa causa; que desceu ao tumulo tão limpo de consciencia como sahira do berço; e que se o Brazil tivesse tido por supremo conselheiro aquelle espirito tão limpo, seriam hoje muito mais vastos os horizontes da patria.

A estatu de José Bonifacio não significará a homenagem a grandes feitos, não representará a gratidão de um povo ao seu reformador: será, porém, um symbolo, a concretização das aspirações liberais de uma nacionalidade nova, de que elle foi a sentinella avançada.

Tendo ido pelo espirito além do tempo em que viveu, José Bonifacio deve reviver na perpetuidade do bronze, como já revive na da historia, para que sirva ás gerações futuras o exemplo que não seguiram os seus contemporaneos.

Prestem-lhe ao menos estas, essa homenagem, e não o exilem agora da memoria nacional, a pretexto de estarem caçados deo ouvir chamar justo.

(Da Gazeta de Noticias.)

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

AO sr. collector das rendas provinciales de Paraguá

Tendo communicado ao sr. collector que despedi de minhas fazendas, sita nesta comarca, os meus aggregados sujeitos ao imposto de capitação estabelecido pela Resolução provincial, numero 1108 de 17 de Julho de 1884, affirmo de que não continue a lançar os sob minha responsabilidade, venho ratificar a minha deliberação, visto como considero esse iniquo imposto sobre modo oneroso ao proprietario que não queira viver em luta com seus aggregados.

Nunca neguei-me ao pagamento de impostos, por pesados que sejam, nem jamais deixei de attender a necessidade dos pobres franqueando lhes as minhas terras para morarem, sem vantagem alguma e antes com prejuizo pelo abuso que resulta dos costumes do povo do sertão.—mas vejo me forçado a tomar a alludida providencia pelos motivos expostos.

Paraguá, 11 de Outubro de 1886.

Barão de Parahem.

O sr. dr. Coelho Rodrigues e o seu discurso de 10 de agosto.

Em sessão da camara dos deputados de 10 de agosto ultimo, o sr. dr. Coelho Rodrigues respondendo a um discurso do illustrado senador desta provincia—Visconde de Paraguá, occupou-se de mim e de minha consorte, professores removidos da villa dos Picos pelo ex-presidente dr. Menezes Prado.

Nem um reparo provocaria a defeza do ex-presidente, se o sr. dr. Coelho Rodrigues não dirigisse aos professores removidos uma insinuação directa, que bem se traduz em uma injuria.

A defeza podia ter lugar, a meu ver, sem nella entrarem as pessoas d'aquelles professores, como não entraram as de seus collegas mandados em substituição. Mas o sr. dr. Coelho Rodrigues, apesar da sua alta

posição, não quiz deixar passar a occasião de mostrar a esses professores a má vontade que lhes tem.

Dizendo que esses dous professores, sobrinhos de um ex-vice-presidente liberal e casados antes de serem professores, obtiveram por esse razão e mediante um concurso muito summario ou simulacro de concurso as cadeiras da mesma localidade, uma para o marido e outra para a mulher, pretendem visivelmente mostrar a nossa incapacidade para reger as ditas cadeiras. Sem duvida com essa incapacidade o sr. dr. Coelho Rodrigues, não justificaria o acto das remoções arguidas de illegal, pois que era do que se tratava; e tanto assim que buscos na legislação provincial outro apoio mais solido para a sua defeza. O fim, portanto, que visou não foi outro senão deprimir-nos no conceito da camara e da opinião publica. Mas se se souber que o sr. dr. Coelho Rodrigues não nos conhece-se o nome, que apenas tem noticia de que somos seus parentes, ver-se-ha quanto foi apaixonado o seu juizo e temeraria a enunciação em plena camara.

Não creio que entre os seus amigos da provincia exista um homem serio que lhe tivesse informado de que os professores de Picos haviam obtido as cadeiras pelo unico facto de serem sobrinhos de um ex-vice-presidente liberal e mediante um concurso muito summario ou simulacro de concurso. Não acredito tambem que tivessem mandado dizer que o presidente de então—o sr. dr. Bel-fort Vieira, provera nas cadeiras referidas a pessoas incapazes ou habilitadas em simulacro de concurso.

A verdade é que o concurso a que nos submettemos correu regularmente, como corriam os concursos sob o dominio da legislação anterior.

As nossas habilitações foram provadas em exame regular. Pol-as em duvida, como fez o sr. dr. Coelho Rodrigues, é não somente injuriar a nós, professores providos por aquelles titulos, mas ainda lançar grave offensa aos cavalheiros, nossos examinadores, que nos deram approvação plena e que por certo nada cedem a s. exc. em honrabilidade e firmeza de caracter.

Fique sabendo o sr. dr. Coelho Rodrigues que o vice-presidente liberal a que alludio e cujo parentesco muito nos honra, nenhuma interferencia teve em nossas nomeações, e quando tivesse, d'ahi não nos podia vir desdouro, desde que ficou demonstrado a nossa idoneidade para o magisterio.

E foi sem proveito para a causa de que tratava, que o sr. dr. Coelho Rodrigues ferio tão duramente a cavalheiros que lhe deviam merecer mais attentões?

Não me queixo propriamente da desconsideração, que por esse meio procurou irrogar-nos.

O sr. dr. Coelho Rodrigues é inimigo do uma grande parte de seus parentes na provincia, aos quaes move guerra sendo tão cruel e tão feroz como a em que se tem empenhado contra o nobre Visconde de Paraguá, tão iniqua e tão desleal.

Eu tenho a infelicidade de pertencer a essa parte da sua familia e em Picos não só não lhe dei o meu voto na ultima eleição, como procurei arredar-lhe todos os que estiveram ao meu alcance. Este foi o meu procedimento em epochas anteriores; d'ahi a necessidade da minha remoção.

O receio, posto que infundado, manifestado pelos seus partidarios de que a minha permanencia n'aquella localidade poderia prejudicar ao bom exito da sua candidatura no presente e no futuro; as recommendações que sem duvida lhes fizeram a meu respeito; desgosto que lhe devo ter causado a resposta que dei em 1881, a uma carta que me dirigio pedindo votos, constituíram tambem elementos para a minha remoção, que assim fica perfeitamente explicada.

E pois, se não me queixo da offensa, não devo deixa-la passar sem este ligeiro reparo

Ainda não parou ahí o sr. dr. Coelho Rodrigues. Não diante accrescentes: aquelles professores não sendo normalistas, nem tendo tomado posse dos lugares, para onde foram removidos, no prazo marcado, por que o marido quiz esperar a eleição para voltar ao collegio dos Picos, quando esgotou-se o mesmo prazo, o presidente do Picos concedeu prorogação. Assim, em vez de terem sido violentados por uma remoção, que vale uma boa promoção a verdade é que elles hoje só estão occupando, por favor do actual administrador, as duas cadeiras, que muito legalmente possiam ter perdido.

E' falso, falsissimo o que ahí diz o sr. dr. Coelho Rodrigues. Primeiramente não ficamos em Picos tão somente porque eu quizesse votar na eleição, o que poderia fazer tendo vindo tomar conta do lugar e voltado para aquelle fim.

Ficamos em Picos, porque se achava gravemente enferma a professora, que após um parto laborioso foi acommettida de beri-beri, conforme provou com attestado medico. Em taes circumstancias não podia absolutamente, sem risco de vida, empregar-se a cavallo e em tempo invernos, como o que corria então, uma penosa viagem de mais de 50 leguas. E os motivos em que assentamos o pedido de prorogação foram tão razoaveis e justos, que o ex-presidente dr. Menezes Prado, não obstante a intolerancia politica com que governou a provincia, os considerou attendiveis, deferindo o mesmo pedido.

Podia tel-o indeferido e neste caso teriamos perdido as cadeiras. Mas seria outra injustiça que nos faria.

Em segundo lugar, não houve na remoção uma boa promoção, porque as cadeiras são de igual categoria. Isto, sob o ponto de vista legal, quanto á conveniencias e interesses privados, eu não trocava os que tinha em Picos pelas vantagens que possa encontrar nesta cidade. Seja qual for a relação, pois, em que se considere as remoções, nunca se poderá dizer com verdade que houve simples promoção, quanto mais—Ela.

Disse mais o sr. dr. Coelho Rodrigues que o venerando Visconde de Paraguá affirmára no senado uma conta completamente falsa para sustentar que o recurso que interpozemos para o Conselho de Estado devia ter sido recebido, apesar de interposto fora do prazo, porquanto residiamos em uma parochia que dista da capital muito mais de 100 leguas. Na contestação que apresentou, o sr. dr. Coelho Rodrigues não foi mais feliz, assegurando pelo conhecimento proprio que aquella parochia dista da capital 66 leguas na opinião vulgar, que em regra exagera as distancias por estes centros, ou 64 se não se passar pela villa de Valença. S. exc. não disse a verdade; pois na opinião vulgar aquella distancia é de 74 ou 73 leguas, conforme o viajante passar ou não pela mencionada villa.

Não é de estranhar que o illustre Visconde de Paraguá não conheça bem essa distancia, quando o sr. dr. Coelho Rodrigues, que a tem percorrido muitas vezes, não a deu com exactidão.

Não quero discutir a questão do direito em que entrou o sr. dr. Coelho Rodrigues para provar a legalidade do acto das remoções. No meu conceito não foi s. exc. mais bem succedido neste, que sobre os outros pontos de que occupou-se; mas não vejo utilidade em renovar um debate, que considero encerrado.

Lavrando um protesto contra a injuria que da tribuna parlamentar nos stiron o sr. dr. Coelho Rodrigues e restabelecendo a verdade dos factos por s. exc. adulterados nesta parte do seu discurso, tenho cumprido o meu dever e satisfeito o fim que me trouxe á imprensa.

Amarante, 25 de outubro de 1886.

Raimundo Martins de Souza Ramos.

Sr. Redactor da «Imprensa».— Queira v. s. dar publicidade a este escripto em seu conceituado jornal, pelo que desde ja nos confessamos assas penhorados, e anticipamos a v. s., nossos sinceros agradecimentos. No numero 427 do jornal «Epoca» foi publicado um artigo datado de 10 de setembro e assignado—o publico! Com franquesa, confessamos, não nos surpreendeu e nem nos cansou emoção o grotesco escripto, assim como não nos offendeu o que nelle disse o celebre magno de todos os tempos, o heroe de 1865!

Valendo-se do publico, este Buzarte tira-nos os grossos olos da corrente que naquella data o conteve!... Bem sabemos quem elle é, e melhor sabem o dr. Simplicio Mendes e outros que ainda existem daquelle tempo..., e por isso mesmo para opprobrio seu, limitamo-nos somente a pedir a este contumelioso que não seja cobarde, tire a capa do anonymo e tenha a precisa coragem de assignar os seus compostos de mentiras e infamias, dignas somente de sua excentrica pessoa.

Devolvemos intactos os insultos e calumnias que no dito artigo nos arremessa, e afirmamos com certeza que é exclusivamente de quem o fez, aquellas palavrinhas que alguém desta terrinha, faz questão por ellas, por achal-as tão doces e amenas quanto um calice de geribita sua antiga e preferivel predilecta.

Promettemos dar a competente resposta ao bajucio, se provar com attestado medico não estar no caso daquelles consignados no art. 10 § 2.º (primeira parte) do cod. crim., se podem provar ter lucidos intervallos, então assigne os escriptos que quizer, e aguarde-se para a merecida refutação e resposta.

Fica desta rancira respondido o supradito escripto obra prima, de quem alem dos nobres titulos já descriptos, tem para augmento e grandezza dos seus honras o laurél do falsificador!

Faça o que pedimos, assigne d'ora em diante a voz pela qual attende abaixo do qualquer artigo que nos diga respeito, e veja se não voltamos.

Na forma da lei se responsabilisa por este

Jose Porphirio de Miranda Junior. Alvaro Vieira Cavalcante.

S. Raimundo Nonato, 3 do Setembro de 1886.

Sr. Redactor da «Imprensa».— A experiencia nos ha demonstrado que o laço de dependencia e subordinação, que prende as camaras municipais aos poderes centrais, não é um estorvo á realisacão do seu desideratum.

Esse laço tem se afrouxado tanto, que ja cahio em relaxação!

As camaras, no exercicio da facultade do legislador, ja não encontram correctivo aos seus excessos!

As suas exorbitancias, referentes muitas vezes á forma do processo e á questões do posse e propriedade que são da competencia do poder-judiciario, são approvadas e sancionadas!

Se as camaras, possuidoras de amor pelo interesse geral, tratissem de cumprir exactamente a lei de 1.º de Outubro, que é o seu regimento, o estado dos municipios seria prospero.

São efficazes os meios ali estabelecidos para dotal-as de renda sufficiente; mas, infelizmente, não são elles empregados como devem, e sim, como querem certos que, no municipio, calcão os colthurnos de Hercules.

Estas reflexões nos foram suggeridas com a leitura das posturas da camara desta municipio, approvadas pela Resolucão n.º 1149 de 21 de Julho de 1885.

A originalidade do contexto e a metaphisica do sentido são bastantes para dar a taes posturas o qualificativo de cerebrinas.

Vejam os art. 2.º que diz—«Para determinar estas proporções, proceder-se-ha do seguinte modo: calculada a area total da fazenda ou sitio em legoas de 3000 braças quadradas, sendo estas de 10 palmos e o palmo de 0.22, serão ellas reduzidas a diheiro, segundo o valor total da fazenda ou sitio, para verificar-se o numero de braças quadradas que póde caber a posse que se quer averiguar.»

Reduzir terras a diheiro! Sr. Redactor, v. s. como mais entendido na arte de decifrar charadas e logogriphos, ajude-me por favor a decifrar esta enigma.

Se é questão de gosto, se ha quem goste mais da obscuridade, do que da clareza, neste caso, o legislador municipal de S. Raimundo Nonato, está plenamente justificado.

Mas vejamos se é possivel verter o grego reduzindo-o a este simples entimema: A criação está na razão directa da posse territorial do criador. Logo quem não possuir terras não poderá criar (!)

Sendo assim; não é claro que tendem ellas a favorecer os grandes posseiros e flagellar a criação? Não são ellas contrarias ao interesse da provincia, que tira da criação por meio do dizimo quasi toda a sua renda?

A sua inconstitucionalidade é manifesta; por que como se vê, restringem ellas a liberdade de industria garantida pelo § 24, art. 179 da constituição.

Entretanto forão taes posturas approvadas e sancionadas pelos poderes competentes!!

Se as terras estivessem medidas, demarcadas e fechadas poderião as posturas ter em direito razão de ser. Mas não o estão: são terras vastas, abertas no dominio do deserto para assim dizer, accrescendo que não consta que o Estado, alias o maior posseiro, tenha prohibido aos cidadãos a criação em suas terras.

Felizmente o tecido de difficuldades inextricaveis que forma o seu todo, torna inoquoiveis as mesmas posturas. Ainda bem.

J. R. Martins.

Amarração, 20 de novembro de 1886

Amigo a sr. redactor da «Imprensa».— Com quanto tenha havido algum silencio de nossa parte em dar-lhe noticias desta pequena região, não tivemos todavia ponto final, e a razão é simples e de facil intuição.

Com o desaparecimento do sr. Menezes Prado empilhou as redas da administração desta provincia o exm. sr. dr. Jansen Mattos; e, como o modo porquo vas s. exc. dirigindo os destinos da provincia não seja tão muito satisfactorio para os reaccionistas, as scenas mudaram-se e a tranquillidade ja vai reaninhando os opprimidos, não tendo escapado a onda revolta que nos asseoberbava o nosso antigo professor Estevão Ferreira de Medeiros, que apenas tomou uma dose de dois trezes de suspensão.

Ainda não havia decorrido tres mezes que achava se destacando nesta villa o sr. alferes Urbano Pacifico Pereira Leite, commandante do destacamento, quando recebeu ordens para recolher-se a capital e consta-nos que segua no primeiro vapor.

Não sabemos qual a razão do sua tão forçada retirada desta villa, onde durante o pouco tempo que aqui se teve no commando do destacamento deu nos as melhores provas de um militar distincto, honesto e reflectido. E o aserto disto é que com sua chegada nesta villa as coisas de governanças tomaram outra direcção. Queremos dizer: as autoridades policieas, que até então eram o flagello da humanidade cotiveram se mais no furor em que estavam de perseguir a todos que tinham dignidade porquo estas não só exerciam as suas jurisdicções, que já não é lá pouca coisa para quem sabe manobrar o barco e se acha ao leme deste; como também eram ellas os commandantes do destacamento, que

trazião os pobres soldados na maior duvidosa, e não havia a menor garantia para aquelles em que tinham o distinc—liberal—.

Com a chegada, porém, do sr. alferes Urbano, nomeado commandante do destacamento, surgiu a bonança, como sempre acontece, depois de tão rigorosa tempestade, e tecim as cousas de então para cá marchado com melhor pé, já se vendo a autoridade judiciaria requisitar uma praça para qualquer diligencia e lhe ser fornecida, já se vendo o respeito nas audiencias e já reinando a paz e o desassombro nos habitantes desta villa.

Bem diz o rirão: «Não ha mal que não se acaba, nem bem que sempre dure.» Mandaram-no retirar o Deus queira que não voltem aquelles dias de angustias que tivemos occasião de lamentar.

Ainda mesmo que o sr. alferes Urbano se dissesse aqui conservador, os liberais todavia não deixaram de lhe fazer a devida justiça, e hajá vista um documento que lhe foi fornecido espontaneamente, no qual se vê a assignatura de gregos e troyanos.

Si s. etc. o sr. dr. Jansen Mattos quizer compadecer-se da sorte deste humilde recanto da provincia que administra, certamente que fará voltar para o mesmo cargo o sr. alferes Urbano Leite, ou nomeará outro que inspire confiança aos habitantes desta villa.

Assim nutrimos a esperança de que s. exc. nos attenderá. E se isto acontecer só desgrudará aquelles que não desejam encontrar obice na vertiginosa carreira de seus desmandos. Não queremos com isto dizer que um official commandando aqui o destacamento possa refrear as autoridades policieas; o que é certo, e queremos, é que não se sujeite a cumprir ordens absurdas e illegas.

Como nos achamos collocados no litoral da provincia e na foz do rio Parnahyba onde entrão os navios de toda procedencia ja nos vai enristecendo a noticia da appareça da colera morbus—nas fronteiras do sul do Imperio. Deus se amercie de nós.

O P.....

Comarca de Jalcós.

O miserista conservador, e o seu novo chefe.

Todos nesta comarca acreditavaõ que o chefe do partido conservador do visinho municipio dos Picos era o coronel Manuel C. de Souza Martins o qual por sua idade, fortuna e posicao social tem si lo como tal geralmente considerado depois que esse partido restabeleceu-se da paralyse e prostração a que o reduzião as memoraveis debandas e fugi de 1869.

Agora, porém, verificamos que essa creacaõ não tem mais razão de ser. Mto impiedosa o sacrilega arrelatando d'aquella velho general as armelhas insignias, acabou de cullar as ao peito de um personagem, que chamariamos pouco... conhecido, se não assaltasse nos o receio de assaliar contra nós, pobre profano, as iras d'aquella que foi repentinamente guindado ao setimo cõo da fama e da celebridade.

Em estrada artigo datado dos Picos e inserto na «Epoca» de 28 de agosto passado, um indiciado cuja autoridade de conferir diploma lallece-nos competencia para aquilatar, tratou da eleição municipal alli praticada ultimamente; e depois de annunciar alvareiro o triumpho dos conservadores pela maioria de 7 votos, desmascou se em elogios do estudado e insolito a um sr. Helvillo Clementino, o improvisado chefe, que chegão a provocar riso ás pessoas mais sardas e a desaliar comentarios dos espiritos mais indulgentes, sempre propensos a desculpar os desvios e fraquezas do proximo.

Antes de tudo, seja-nos permitido fazer, por amar a verdade dos factos, uma declaracão despreceio-

sa e franca. O partido conservador de Picos não tem, nem teve maior numerica sobre o seu adversario. Dirigido por homens abastados que procuram compror o elleitorado comprando adesses á peso de ouro algumas vezes, muitas outras á traço de promessas, que de ordinario não são cumpridas,—homens que hão inoculado a desmoralisacão e a descreia nos habitos politicos do povo; tem sido, apesar de tudo, gallardamente batido por quem não sabe converter a politica em arena de torpes especulações. A historia de seus revezes, de suas desgracas, dá materia para um grosso volume.

Foi a 20 de julho passado que, em eleição singular, ponde pela vez primeira reanir sobre seu competitor maioria de votos, e esta insignificante, como acabamos de ver. Mas para alargal-a, de que meios não foi preciso soccorrer-se? Que o digão, se quizerem, outros que, como nós, estiverão no accario da luta ou apreciarão de perto a successão dos acontecimentos que nelle se desenrolarão.

Basta saber-se que todos os meios indecentes, todos os recursos ignobes foram postos em açõ, não por um só membro do partido da ordem mas pelo numero do estado-maior deste; entretanto, é lra de duvida que outro seria o resultado do pleito se não se manifestasse, como manifestou-se a intervençõ directa, ostensiva, desbragada e escandalosa da primeira autoridade da provincia em favor de seus co-religionarios, os quaes, em desespero de causa, a ella havião recorrido com antecedencia.

Assim, se do semelhante resultado pode caber gloria a alguém (triste gloria!), é justo que pertença exclusivamente á pessoa do sr. Prado, o idiota da fariola sem careço, e cuja lembrança nos desperta neste momento mais commiseracão do que rancor.

Deixemos, porém, essa pobre creatura, que ja recolhen-se á obscuridade, ja sumto-se no nada d'onde nunca devia ter sahido, e vultemos a contemplar a ridícula attitude do escrevinhador dos Picos, alparadado, reverente e rindido diante do homem da vontade de ferro, da actividade indefessa.

Ouçamol-o, que vale a pena:

«Ao capitão Helvillo, que foi o herõ de lamosa jornada, cabem a gloria subita e os louros immarcesciveis que corozam a fronte dos benemeritos da humanidade.

«Neste mundo tudo é relativo, e se do presente caso não resulta uma gloria tão esplendida e tão retumante, que eclhe por toda parte... com esteza em nada é inferior a maiores e mais incruentas conquistas realizadas no seculo das luzes no mundo civilizado.»

Que tal? É o caso de exclamar-se com o poeta:

«Que tudo quanto o antigo mundo conta, que outro, valde mais alto se levanta?»

Quem ler esta impagavel tirada ha de ficar supprado, que o tal sr. Helvillo, pelo menos, quanto á plagis encantadas, á alguma terra marxalliana e desmarchada, como a provincia artificial do Pishhy, em descoberta con-tinua o feito mais grandioso de que temoz noticia no reinado da pilloria do sr. Catepse. Amarga recepçõ aguarda a quem lizer esta conjectura: por quanto a enorme, á incruenta conquista, realizada no seculo das luzes, no mundo civilizado, pelo benemerito da humanidade redoz-se ao chuchlo resultado da eleição do 20 de Julho, para o qual aliás contribuirão, alem do presidente da provincia, todos os conservadores do Picos, cujos nomes o escrevinhador deixou no fundo do seu tintero.

Se quem tragon os periclos, que ali licho estampados, não é na habi gaiato, um epigrammatista de força, certo não passa de prebentente astucioso e mão, que culmina fim menos ceule-savel. D'ahi não ha fugir.

On abusa da bõ fã de pobres e inexperientes maistros, a cuja custa quiz divertir o publico, ou tunar

para arruocar guarda guardo a verdade da victima de um impagavel interessura.

Na 1.ª hypothese ninguém nega que attinge perfeitamente o art. 2.º—e esta parca mais provavel—estranhamos apenas que —tambem a sua lã não tivesse imbuído os escriptos do desajo dos leitas populares de nosso artilho, dirigido se nos seguintes termos ao objecto de suas homenzagens:

Mira a mão nos algaritros, Pague logo os centavos.

Nada teriamos que ver com o escrevinhador, a quem desmarchamos coller tranquillo o fructo do trabalho que se impoz, se um dever imperioso não obriguisse a vir a imprensa protestar, como fazemos por meio destas linhas, contra os desvios e apodos que assacon em geral ao partido liberal dos Picos e em particular ao distincto advogado, aqui residente, tenente-coronel Aristides Mendes de Carvalho; se não nos cumprisse contestar a divergencia que figurou entre o illustre coronel Possidonio Martins e seus amigos politicos,—divergencia que só existe na enferma imaginação do autor do escripto de que nos occupamos.

Garantimos que o coronel Possidonio, chefe liberal d'aquella localidade, está intimamente identificado com seus co-religionarios, que o aprecia e acatão, e jamais seria capaz de reprovar o correcto procedimento dos mesmos no pleito de 20 de Julho. Dotado de intelligencia e bom senso, elle conhece de sobra a tatica da serena piosense e sabe dar o devido apreço á harmonia de seu mellhor canto.

Não é certamente cobrição de rido-colo a homens qualificados e respeitaveis, que se consegue apagar os vicios de uma eleição deturpada e nulla.

Que a eleição procedida em Picos aha-se neste caso, demonstra-o de modo cabal a juridica decisõ, que invalidou-a, proferida pelo sr. dr. Alfredo Teixeira Mendes, integro juiz de direito desta comarca.

Acerca deste ponto fulgemos inoportuno e até ocioso estabelecer qualquer discussõ.

Entre a palavra suspeita e apaixonada do escrevinhador de Picos—politico cego e sem entranhas, e o correctivo daquelle douto e circumspeto magistrado, decida o publico imparcial onde se achão a razão e a verdade.

Pode o escrevinhador fazer zuebras a quem lhe parecer que se mereçe; e se nos cornos da lua, envolvido em densa nevem de incenso pode, qualquer Veloso incruentado, boçal ou idiota; invente mesmo novos benemeritos, conquistadores e heroes, se nisso encheber alguma conveniencia pessoal; mas, por Deus, não continue a malizar de adversarios honrados, que não se occupo de sua individualidade, e cujo unico crime consiste em não renderem culto aos carientes dominadores do dia.

Nada mais queremos. Somos por demais razoavel.

Se nos satisfizer, conte desde ja com o nosso silencio.

Constancia.

Licos, 28 de Setembro de 1886.

Nova Reforma dos estatutos do Collegio de Nossa Senhora das Dores.

(Inaugurada em 2.º de Maio de 1886)

PARTE PRIMEIRA.

Art. 8.º O alumnato será interno—que permanecerá no colégio durante a tarde de todas as dias úteis, pagando 15000 reis mensalmente, no cabendo do Collegio, alem do ensino, almoco e jantar.

§ Unico. Ao alumnato será applicavel as disposições dos arts. 1.º e 2.º do art. 7.º

Art. 9.º O alumnato será dividido em duas classes, a saber: a de 1.ª e a de 2.ª classe, a qual pagará 3000 reis

correspondentes a cada uma das aulas em que se matricular.

Art. 10. O Collegio tambem recebe, mediante os preços e condições que forem previamente convencionados, —alunos internos, maiores de 17 annos; os quaes terão agasalhos ou aposentos separados e inteiramente independentes dos outros collegiães; e gosarão, sem prejuizo da boa ordem e preceitos estabelecidos pelo Collegio,—da liberdade ou vantagens indispensaveis ao estado e idade de cada um.

Art. 11. Os pais de familia que tiverem mais de dois filhos matriculados no Collegio, quer como alumnos internos, quer como semi-internos ou externos, terão direito a um abatimento de cinco por cento sobre as importancias das respectivas mensalidades.

Art. 12. Os pagamentos de que tratam os artigos antecedentes, serão feitos adiantados, com a precisa regularidade, no começo de cada mez; — não tendo direito o alumno a restituição alguma, no caso de que por qualquer motivo, venha a retirar-se do collegio,—ou deixe de frequentar as aulas em que se houver matriculado, antes de findar o mez correspondente ao pagamento que tiver realizado. (Continua)

Manifesto.

Desde que tomei uso de razão que minhas ideias sempre foram liberas. Não gosava porem do direito do voto hoje que me acho revestido desse poder, venho cheio de prazer offerecer os meus serviços, fracos porem sinceros ao brioso partido liberal, podendo os meus co-religionarios contar com todo apoio do que posso dispor.

Theresina 7 de dezembro de 1886.

Joaquim Ribeiro Soares.

NOTICIARIO

Chefes liberas.—A «Epoca» tomou agora o mau vizo de chamar chefe de nosso partido a quanto juiz de direito liberal existe na provincia. Em seu ultimo numero falando de nossos amigos drs. Firmino Martins, Araújo Costa e Alfredo Mendes, dá a todos como chefes liberas nas comarcas em que são juizes de direito. Scientificamos ao jornal do expellente que estes amigos seriam todos muito dignos do cargo de chefes nas localidades em que residem, mas que assim não succede, primeiro, porque o partido liberal tem chefes prestimosos e conhecidos nas localidades em que aquelles magistrados exercem jurisdicção, segundo, porque elles são, antes de tudo, juizes honestos e imparciaes; terceiro finalmente, porque não somos nós, mas a gente da «Epoca» que pertencem a um partido pobre de homens.

Curioso.—Um amigo pede-nos a publicação do seguinte: «Diz-se que o sr. dr. Polidoro Burlamaqui está presidindo aos exames da escola normal, no caracter de director interino da instrucção publica, em quanto o sr. dr. Theodoro Pacheco dá altitudes e sur. dr. attestados dos professores do centro, no mesmo caracter de director. Será permitido que em um só cargo se accomodem dois individuos? Ha então um director para os exames e outro para o mais serviço? S. E. etc. o sr. dr. Jansen Mendes ignora esta duplicata e não deve mesmo que os proprios directores ignorem semelhantes cousas.»

Juiz de Paz e Pico.—De certo tempo a esta parte, isto é, depois que o sr. Cordeiro Rodrigues deixou de ser o candidato mangue, o politico geralmente antipathizado, tornando-se o organo do partido conservador planhyense, Pico, a patria dessa grande valle, entra nos annos da fama e não ha numero da «Epoca» em que essa folha não nos lembra que aquelle legarado guarda o umbigo do grande juriconsuldo do cod. civil. O prior de tudo é que os nossos amigos dr. Alfredo Mendes, coronel Possidonio e outros distinctos liberas d'all, vão dando thema ás decomposturas da «Epoca» que parecem sentir prazer em injuriar-os. O nosso amigo coronel Possidonio distincto chefe liberal nos Picos, commandante superior, 1.º juiz de paz, deve ser desatistado porque diz a «Epoca» não reside no termo; o sr. Joaquin Ferreira que veio agora fazendo muitas anuções pelas comarcas de seu jornal e dizendo ser um legarado, confessa ser varqueiro na fazenda nacional «Castello», termo de Oeiras, mas que não pode ser excusado do alistamento dos Picos, porque é ali servido e deputado provincial! Que argumento! Que cabeça!

Poco mecha o sr. Joaquin e quando suas vistas convergem (1) para o direito e a justiça, terra visto que os nossos amigos do seu concelho são tambem brazileiros e têm a grande fidelidade que a. tanto preza,—a de haverem nascido nos Picos onde nascem o Cordeiro.

(1) Na sessão dirigida pela assembleia ao sr. Jansen Mendes, havia a palavra concessão e deputado (2) Joaquin Ferreira concessão para concessão.

Senador senador Antonio Marcelino Soares Gonçalves acaba de ser agraciado com o título de conselheiro de Estado extraordinario. Liberal distincto e senador pela provincia de Maranhão, muito digno e de honra que acaba de conferir-lhe S. M. o Imperador.

Capitão Mariano Gil.—Este novo importante amigo acaba de chegar da capital da provincia do Ceará, onde estava a negocio de seu particular interesse. Desejamos que tivesse feito feliz viagem.

Paraná.—No vapor de 4 do corrente seguiu para a cidade de Oeiras e Amarante onde residem, os nossos prestimosos amigos, dignos deputados provinciales, tenente coronel Benedicto do Souza Brito, coronel Almiro Soares do Nascimento e Marcelino Barbosa Ribeiro. Boa viagem.

Outra.—Tambem seguiu no mesmo vapor com destino a S. José dos Mattões o nosso illustre amigo dr. Augusto Collin da Silva Rios. Desejamos-lhe prospera viagem.

Ministerio cara dura.—Fallando da consulta do Conselho Supremo, sobre a questão relativa aos militares de poderem ou não defender-se pela imprensa, diz a Gazeta da Tarde:

«Como se vê, o proprio Imperador é da opinião do Supremo Conselho Militar, isto é, entende tambem que o sr. ministro da guerra exorbitou, mandando reprehender em ordem do dia e prender o sr. coronel Cunha Mattos e applicar a primeira d'estas penas ao tenente-coronel Madureira. Entretanto, os ordens do dia arbitrarías e illegaes ainda não foram retiradas, ficando os dois officiaes sob a pressão d'ellas, contra o pundonor militar.

A consequencia logica da resolução era a retirada immediata das ordens do dia; mas o sr. Alfredo Chaves, como todo o ministerio, não quer ao que parece, caninhar nesta questão pela estrada larga da verdade da justiça.

Por maior que seja a imparcialidade do sr. Alfredo Chaves, por mais rectitudine que seja o seu caracter, por mais puras que sejam as suas intenções, a. etc. não pode mais dirigir a pasta da guerra de modo a readquirir a auctoridade que perdeu n'uma hora de arbitrio.

O ministerio, que foi solidario com a. etc. e todos os seus actos, está no mesmo caso, pela suspeição natural que emana da solidariez de hontem.

Capitão do porto.—Chamamos a attenção de a. etc. o sr. dr. Jansen Mattos para o que nos dizem da Parahyba sobre o ataque soffrido pelo velho e honrado ex capitão do porto daquela cidade José Antonio Correia. O celeberrimo Barros, que por titulo nenhum se poderia encaixar na capitania do porto, tem levantado grande escarceo e ultimamente offendeu physicamente ao capitão Correia, no intuito de ser o pobre velho q' tem servido a patria tantos annos retirado do cargo (como já foi) e se lhe dá e lugar ambicionado. Por ter o sr. Barros applicado semelhante façanha q' a «Epoca» vem chamando criminoso ao capitão Correia que se tem conservado no lugar, a espera de seu successor, uma vez que não recebeu ainda parte official de sua demissão. Quem merece a attenção das autoridades superiores, e o nome de criminoso, é o celebre Barros e não o capitão Correia que em sua longa vida se tem distinguido sempre como respeitador, honesto e cumpridor dos seus deveres.

Incontentavel o jornal conservador! Hontem o juiz municipal supplente do Marvão Ezequiel Moreira, porque se fez conservador, era um bom juiz, homem de bem; hoje porque não se presta ao papel de instrumento da gente que ali tem um feudo de familia, eil-o, amaldichoado chamado «emigrante do Ceará que ha representado todos os papais e committido toda especie de precaricção; que tem a sacola das miserias vazia; fuscivotes q' g'! Miro-se neste espelho o sr. Ezequiel e nunca mais em sua vida, deixe os amigos que sempre o consideraram para acompanharem os potentados de aldeia que desejam fazer dos electores e juizes pobres, instrumentos e manivelas de suas paixões.

O sr. Ezequiel hade responder convenientemente as inercapções da «Epoca». Quanto ao nosso distincto amigo dr. Carlos P. de Araújo Costa, foi tão banal a accusação que não merece as honras de uma resposta. Filho da provincia e esterecendo cargos publicos ha muitos annos, ninguém tem uma vida mais limpa do que o integro juiz de direito de Marvão e Humildes.

Na redacção da «Epoca» ha quem conhea até onde chega a honestidade do dr. Araújo Costa, quer como simples particular, quer como juiz.

Certidão negada.—O sr. commandante da escola de aprendizes marinhellos, José Augusto Damasio tentou alistá-lo como eil-ter na Parahyba sem ter um anno de domicilio no lugar do alistamento. O cidadão Benedicto da Costa Fernandes requereu ao dito commandante que lhe mandasse dar por certidão o dia em que assumiu o exercicio do commando. O sr. Damasio indifferiu a petição. Benedicto da Costa Fernandes representa contra isto ao exm. sr. dr. Jansen Mattos e este manda incontinentemente o commandante da certidão pedida. E de esperar que o commandante não rellucte mais diante da ordem da autoridade superior. Resta-nos felicitar ao exm. sr. presidente pelo acto de justiça que acaba de praticar, o qual mostra exuberantemente as boas intenções de a. etc.

Parahyba.—D'esta localidade recebemos as seguintes noticias: «Por decisão da Relação foi confirmada a nullidade do 1.º escrutinio da eleição do Sr. Jurem dos Lopes, na eleição municipal. Assim, tem os liberas 3 vereadores electos para o futuro quadriennio por este collegio, e os conservadores nem um. Vai ao proceder a segundo escrutinio a 31 do vindouro. Diz-se que os conservadores não disputarão mais. Si disputarem poderão ficar com 3 vereadores no seguinte quadriennio e os liberas com 6. ... Já é!

Pelo dr. juiz de direito foi reformada a applicação da eleição de juizes de paz e, attén-

do-se ás idéas, foram elles classificados, do seguinte modo: em 1.º lugar o tenente-coronel José Francisco de Miranda Filho, em 2.º o major Antonio José Amado de Miranda, em 3.º o sr. José Domingos Coutinho de Maria; em 4.º o tenente-coronel Luiz Antonio de Moraes Correia. A Relação, porém, reformou ainda a decisão do dr. juiz de direito; e, approvando a applicação feita pelo mezo, collocou em 1.º lugar o tenente-coronel Luiz Antonio de Moraes Correia, em 2.º o major Felipe Gomes Neves, em 3.º o major Antonio José Amado de Miranda; e em 4.º o tenente-coronel José Francisco de Miranda Filho, que ha muito mudou-se para a provincia do Maranhão.

Hontem ha pouco electo para um vereador do antigo quadriennio, em substituição ao capitão Bento José da Fonseca, escrivão da collectoria, que pela accção d'este em-compatibilisou-se para o cargo de vereador; e essa eleição ja não foi disputada pelos remanescentes! ... Os liberas elegeram unanimemente o seu candidato.

Soubese aqui que o presidente da provincia, que tem-se distinguido pela justiça a co-religionarios e adversarios, como é recommendação do governo geral, reprovou o procedimento da maioria da meza no ultimo escrutinio, composto dos cidadãos Motta, Sampaio e Pompeu por não consentirem estes que apurasse-se a eleição; e marcou o dia 31 do vindouro para o 2.º escrutinio.

Hoje (13) Antonio Francisco Barros atacou o capitão do porto, de quem é subordinado, como secretario da capitania, na propria repartição; pegou-o, empurrou-o, etc. etc. Antonio Francisco Barros dá-se ao vicio da embriaguez, e foi sem daviada, n'este estado, que occorreu a eleição do porto, velho monaganario, que não pôde aceitar a luta que Barros lhe offereceu.

Este Barros foi ha pouco nomeado secretario da capitania, contra expressa disposição de lei, pois o podia ter sido procedendo proposta do capitão do porto, o que não se deu, e uma vez illegalmente empossado da honraria quer, a todo transe, que o capitão do porto lhe passe o commando e administração da capitania, pretextando ja estar nomeado outro capitão do porto cuja nomeação consta do Diario Official, e em quanto o novo capitão do porto não vem,—argumenta elle,—a capitania do porto deve pertencer-lhe de facto e de direito.

Foram nomeados não um, mas ja dois capitães do porto para esta cidade, porque o primeiro não acitou, mas fossem quantos fossem, nunca o sr. Barros poderia substituir na capitania o capitão do porto; primeiro porque o sr. Barros é paizano e o lugar só pôde ser preenchido por um official da armada; segundo, porque, como ja está decidido em aviso, a simples publicação pelo Diario Official das nomeações e demissões dos empregados não dá direito aos primeiros a entrarem no exercicio dos cargos para que foram nomeados, nem impõe aos ultimos a necessidade de abandonarem os lugares em que estão servindo.

E' preciso que, além d'esta publicação, que apenas faz constar a nomeação ou demissão chegue ás mãos do afortunado ou da victima, por intermedio do presidente da provincia, o decreto de sua nomeação ou demissão.

Quando os nomeados acham-se na cidade, costumam elles mesmos solicitar os proprios títulos.

Até hoje o capitão do porto desta cidade não recebeu communicação official de sua demissão.

E deve, neste caso, passar a capitania ao seu secretario? Não; pelas razões que já expusimos.

E quem nos diz que se apresentará novo capitão do porto? Pelo menos até hoje não appareceu.

A população d'esta cidade está seriamente indignada com o procedimento revoltante do gruveito Barros. Logo que se deram as eleições municipaes da cidade da Parahyba, o jornal conservador desta capital conhecido que o resultado lhe havia sido inteiramente adverso e em mais de um artigo editorial fingiu d'aculir os factos concernentes aquella eleição, quando o fim real foi, estar violentamente o distincto e honrado juiz de direito daquela comarca, nosso amigo dr. Firmino Martins.

Es que o integro e egrojo tribunal da relação do distrito, veniu de confirmar os despachos do digno magistrado, confundindo os escripturas da «Epoca», que, ver-se-hão obrigados, assim como seus amigos da Parahyba, a no futuro, lançar mão de meios mais decentes quando tentarem pleitear uma eleição. Nós nos congratulamos com a victoria que os nossos amigos obtiveram perante a relação, confirmando aquella que já haviam obtido á bocca das urnas. O alistamento de electores, a demora de vapores no Maranhão, a recusa para esta capital de um senhoreado, a cabella e ameaças em nome do governo do sr. Prada, nada disto salvou os conservadores da Parahyba. Resignem-se.

Homenagem a José Bonifácio.—Lê-se na «Provincia», do Recife: «Na provincia de São Paulo acaba de ser prestada a maior homenagem ao grande cidadão que consagrou os ultimos momentos de sua fecunda actividade a desventurada causa dos escravos.

A população santista resolveu libertar no dia 3 do passado todos os escravos do municipio de S. Vicente e o maior numero positivo do de Santos, e affectivamente no dia aprasado foi declarado livre, sem um unico escravo, o primeiro daquelles municipios, e no segundo restam, apenas poucos escravos. Quando o parlamento tornou-se serio a vez do grande propheta da abolição, e o coraço do Imperador fechou-se á piedade em favor dos escravos, é bello o estremo-cimento que em todos os corações, no coraço da patria cauto a queda do corpo de José Bonifácio, que depois de morto, produz prodigios de enthusiasmo em prol da causa hoje unigida pelo grande sacrificio do benemerito patriota.

Está atada a canthela electrica. Temos fi em que brevemente o mesmo sopro de liberdade ha de separar em toda a provincia de S. Paulo, exactamente aquella onde mais vale o escravo, e que parece des-

finado a coactuar o movimento paralyzante das duas provincias cujo territorio está lavado da macula da escravidão.

José Bonifácio.—Lemos na Gazeta de Noticias de 1.º de novembro ultimo: Sua Magestade o Imperador abriu em Campinas a subscripção que corre para o fim de erguer-se uma estatua a José Bonifácio, assignando a quantia de 500000 reis.

A subscripção é de iniciativa do Diario de Campinas.

Em S. Paulo a colonia portugueza nomeou a seguinte commissão para angariar donativos para o mesmo fim: Alberto Pereira Leite, Gaspar da Silva, José Martins Pontes, Manoel Sigismundo Alvares Pereira, Joaquim José Pereira de Oliveira e Pedro Antonio Borges.

Os Drs. Heitor Mattos e Clementino de Souza, juizes do districto em S. Paulo, suspenderam as audiencias em signal de pesar pelo morte de José Bonifácio.

Os advogados e sollicitadores presentes adheriram a essa manifestação.

A 3 do corrente haverá em Santos uma sessão fúnebre, promovida pelos Srs. F. Martins dos Santos, Dr. Pereira da Cunha e F. Emilio de Sá.

O Diario Mercantil publicou o seguinte telegramma de Jancary: «Jancary, 30.—A idea de erguer-se uma estatua ao grande paizista é abraçada por todos os seus admiradores desta cidade, com cujo concurso podem contar.»

Do Diario Popular: «Os galés á José Bonifácio.—Em a carta que nos enviaram hoje os galés do xadrez n. 9, da cadeia d'esta capital: «Os galés abaixo assignados do xadrez n. 9, pedem a VV. o favor de tornar publico, que elles sentiram profundamente a morte do grande paizista conselheiro José Bonifácio que ddo prezamos a S. Exma. familia e a patria.—Cidade de S. Paulo, 29 de outubro de 1886.—Ferreira Gomes, por si e outros signatarios.—Ignacio, Victorino, Farnestino, Luiz Pinto, Felix, José Rodrigues, Setteclaro, Donato Garosa, João Netto, Felício, Firmiano, Francisco Garcia, Florencio Borges, Honorato, Paulo Dias, Eugenio, Samuel Quintanilha, Candido, João de Belles, Cyrillino, Albino, Antonio Garcia Rodrigues, João do Queiroz, Felipe Neves Santiago, Vicente Sigó, Maximiano e Adolpho José da Cunha.

Justamente com a carta nos foi enviada diadema para mandarmos dizer tres missas, pedido dos mesmos, para o eterno descanso da alma do fúnebre.

As missas serão annunciadas opportunamente.

Uma subscripção aberta na secretaria do governo de S. Paulo, para a estatua, atinge a 1:110000.

Curioso.—O correspondente da Gazeta de Noticias, que acompanha Suas Magestades Imperiaes na sua visita a provincia de S. Paulo, escreveu dahi em uma das suas cartas a referencia foia o seguinte: «Parece que por influencias climatologicas da provincia, ficaram pretaes todos os membros da commissão.

Na viagem de Casa Branca para Magyuirim, as arvores e as bellas moças castalranquias deram ao sr. Barão de Saboia inspiração para o seguinte motto:

De Casa Branca a cidade Alga quem a visita, Pois ao lado das arvores Ha muita moça bonita.

O motto andou de mão em mão e comparem depois as glossas.

E' assim a do sr. Barão de Itaipubina: Se querem ver do paizista A franca sinceridade Visitem como firmes De Casa Branca a cidade.

Do sr. Visconde de Parahyba: Tal como em outros torcidos Da Paulista benditi, O agasalho, o cambeo Alga quem a visita.

S. M. o Imperador, ao saber das glossas mandou tambem a seguinte: O porta-vé em apertado Arbo traves e baldrocas, Mas a rima não lhe agrada Apuzar de taes torças.

Ao que respondeu o sr. Barão de Saboia na seguinte quadra: Mas o que o estro lhe indamma, E o que com força o agita E' ouvir a rima cant: Tem uma moça bonita.

As lrimas lrimavam em todas as oitavas e grande parte do povo chorava abundantemente.

Tal foi a grandiosa e solenne commoção.

Duante o dia o commercio esteve fochido. Os navios curtos no porto e os edificios dos consules conservavam as bandeiras arriadas e envoltas em crepe.

So José Bonifácio morreu, a sua lembrança vive cada vez mais profunda no coração de um povo inteiro.

O numero de cartas de liberdade entregues foi de 479 e ha dinheiro sufficiente para libertação dos escravos restantes, de modo a poder considerarse livre o municipio de Santos.

Assim breve estepas todos os de S. Paulo e do Brazil.

Do Intransigente de S. Paulo transcremos a noticia a commoção que se fez em Santos, do ultimo dia do fallecimento de José Bonifácio.

As exequias effectuaram-se na igreja matriz.

As 9 horas começou o dolor solenne de fúnebre.

Tamamto parte na cerimonia religiosa oito sacerdoties vindos de varias partes da provincia.

Ouvu o padre Senna Freitas, fazendo magistral panegyrico do illustre morto.

A igreja estava toda fureada de preto, presidoes dos tribunales e dos pulpitos grandes multos negros, sendo gravados estudos com as inicias de José Bonifácio.

No centro da nave amarrava-se soberbo catafalco, tendo em cima o busto do illustre occider, aos lados inscripções que referiam as mais notaveis epochas da sua vida e suas penas tres grandes cordões, offerecidos, uma pelo povo matista e as outras duas pelas sociedades Mutus Beneficente (italiana) e 27 de Fevereiro.

Guardavam o catafalco quatro maninas vestidas de branco com flocos pretos nos cabellos e que representavam a poesia, a litteratura, a liberdade e a verdade.

Na porta do templo lia-se esta triste inscripção: «Sanctus inmensus! Immensus sanctus!

Santos, 3 de Novembro, ás 9 1/2 horas da noite.—Foi esplendida a sessão fúnebre celebrada em honra do fallecido senador José Bonifácio.

Forem libertados dois municipios.

Este acontecimento é a homenagem mais sincera e honrosa que se possa prestar á memoria do illustre cidadão paulista.

Congratulo-me com toda a imprensa. (Do novo chefe de redacção)

O Jornal do Commercio tratando ainda da morte de José Bonifácio escreveu: «Erros sem duvida algumas vezes o homem politico entre as nuvens do pó levantado da arena onde se travam os lutas patrioticas; mas o patriota jamais vacillou; o amigo da liberdade e do progresso não se desviou nunca da senda luminosa que o enthusiasmo lhe traçou.